

O R E T R A T O

Há muito tempo procurava algo semelhante. Um gesto, um olhar, um objeto, alguma coisa que lhe desse a certeza, que confirmasse ou desfizesse de uma vez por tôdas as suas suspeitas. E agora, que finalmente encontrara o que procurava, começava a sentir um tremendo vazio, como se o mundo mudasse de repente, como se nada mais tivesse sentido. Era verdade. Não podia haver dúvidas, ali estava a prova na sua mão trêmula. Virou a fotografia e leu a dedicatória: "Para Marlene, com a admiração, o amor e o carinho de Fernando". Virou outra vez o retrato, olhou aquêle rosto sorridente; o miserável parecia rir da sua situação. Se ao menos o conhecesse, haveria de lhe ensinar algumas regras do bom viver! Uma raiva cega crescia dentro de si e impedia-o de raciocinar. Começou a imaginar coisas, a ligar fatos que lhe pareciam suspeitos: "certas vezes que ela saía à tarde, a pretexto de fazer isto ou aquilo... ia ao encontro dêle, com certeza"! Tinha vontade de procurar a mulher, passar-lhe o retrato na cara, gritar-lhe que descobrira a sua traição... tinha vontade de matá-la! Mas pensou melhor e achou que não era êsse o caminho indicado. Esperaria. Observaria a mulher como se não soubesse de nada, como se nada houvesse descoberto e quando a surpreendesse num desliz... bem, depois veria o que fazer. Guardou novamente o retrato no fundo da gaveta do guarda-roupa onde o encontrara e tentando dar ao rosto a sua expressão normal, sentou-se numa poltrona na sala e abriu uma revista, mas não via uma única letra.

Ficou ali sentado por mais uma de uma hora, com mil e um pensamentos fervendo-lhe na cabeça. A mulher apareceu na sala e sentou-se ao lado dêle, em silêncio. Não podia sequer olhá-la de frente, temia não poder controlar-se, por isso, demonstrava um falso interesse pela revista. O silêncio pesava como chumbo. Êle sentia o rosto queimar como se ar-

desse em febre. A mulher, sem suspeitar o que lhe ia no íntimo, levantou-se, foi por trás dêle, debruçou-se nas costas da poltrona para ver o que tanto o interessava naquela revista e o seu rosto roçou levemente a cabeça dêle. Estremeceu, como se lhe repugnasse aquêlê contato. Não podia suportar, precisava fugir daquela situação.

— O almoço está pronto?

— Está, sim.

Jogou a revista em cima da mesa e saiu da sala apressadamente. Entrou no banheiro, olhou-se no espelho e notou a fisionomia fechada que nunca tivera antes. Não tinha jeito para comediante, talvez não pudesse disfarçar por muito tempo.

Durante o almoço o silêncio foi completo. Sabia que devia dizer alguma coisa para que ela não lhe notasse diferença alguma. Talvez um elogio à comida que ela fizera e que êle se esforçava por engolir, mas não sentia o gôsto... Devia dizer alguma coisa, mas sabia que tudo o que dissesse soaria falso. Olhou-a de soslaio duas ou três vêzes, nada de anormal.

Fechou-se novamente no quarto, tirou o retrato do fundo da gaveta. Por que, por que aquilo teria que acontecer? Jogou-se sôbre a cama, sentiu uma onda de sangue subir-lhe ao rosto e as suas mãos fechadas tremiam. Não sabia até quando suportaria aquilo em silêncio.

Era domingo, e, como quase todos os domingos, a mulher pediu-lhe para irem a um cinema. Não tinha nenhuma vontade, mas precisava ir. Ela não podia desconfiar de nada e além disso, era uma oportunidade para observá-la na rua. Talvez a apanhasse nalgum olhar, nalgum sorriso furtivo para alguém. Não viu o filme. Passou todo o tempo olhando disfarçadamente a mulher, mas ela não desviava os olhos da tela. Nada de anormal, talvez num dia qualquer durante a semana...

Quando ela saía, por mais de uma vez êle a seguiu de longe, mas nem sequer a viu conversando com ninguém, e tinha certeza que ela não suspeitava estar sendo observada. Íntimamente, sentia-se satisfeito. Gostaria que aquêlê retrato nunca tivesse existido e que tudo pudesse voltar a ser como antes. Mas sabia que isso era impossível, sua vida já não podia ser o que era, nunca mais seria como antes.

Três ou quatro semanas de constante observação se passaram sem que nada acontecesse que confirmasse o que êle julgava ser uma certeza. Uma certeza que êle sentia diminuir pouco a pouco, uma certeza que se transformava em dúvida. Nada acontecia, mas a fotografia lá estava, escondida no fundo da gaveta, com aquela dedicatória. O que o enfurecia mais era a dedicatória de tom meloso de colegial apaixonado. E olhando novamente o retrato, notou que o rapaz era muito jovem, devia ser pouco mais que um menino. Como é que Marlene, uma mulher madura, mantinha uma ligação amorosa com um menino?

Vigiu-a mais uma semana e o resultado foi o mesmo. Gostaria de dar o caso por encerrado, esquecer aquilo, mas era impossível. Algum coisa dentro dêle separava-o irremediavelmente da mulher enquanto aquilo não fôsse esclarecido. Tinha que saber ao menos quem era o tal Fernando. E uma noite, quando os dois estavam sentados na sala, ela folheando um livro, êle com os olhos pregados no teto, ruminando dúvidas, a pergunta veio direta, sem subterfúgios.

— Marlene, quem é Fernando?

Ela olhou-o como se não houvesse entendido.

— Que Fernando?

Tôda a fúria contida até ali ameaçava estourar agora. Êle mal podia se controlar, a sua voz tremia ligeiramente.

— Por favor, não se faça de desentendida. Há mais de um mês que descobri uma fotografia do seu parceiro amoroso, por sinal, com uma dedicatória bastante significativa. Se você quer saber onde está, eu deixei-a no mesmo lugar onde a encontrei: no fundo de uma das gavetas do guarda-roupa.

A mulher enrubesceu, gaguejou, as suas mãos trêmulas machucavam as páginas do livro, não sabia para onde devia dirigir o olhar. Começou a chorar e a confusão que a dominava aumentava a sua culpa aos olhos do marido. Êle olhava-a friamente, esperando a resposta. Finalmente, ela tentou defender-se:

— Você está enganado, não é o que está pensando...

— Marlene, eu perguntei quem é Fernando.

— Fernando morreu há mais de quinze anos.

Agora era êle que começava a ficar confuso.

— Morreu? E aquêlê retrato que você guarda com tanto cuidado?

Ela pouco a pouco recuperava o domínio de si própria e agora já podia levantar os olhos para o marido.

— Nunca procurei esconder, mas apenas evitar falar sôbre êle com você, porque isto não me agradava, mas agora, já não é possível evitar e você precisa realmente de uma explicação. Conheci Fernando quando era ainda menina, eu tinha doze anos e êle quinze. Sentiamos uma profunda amizade um pelo outro e começamos um dêsses namôros de crianças que o tempo consolidou. Meus pais gostavam muito dêle. Fernando passava os domingos em nossa casa, mas um dia aconteceu: Fernando morreu afogado tomando banho num rio, com um grupo de amigos. Ela olhava-o de frente, com olhos firmes. Depois de um breve silêncio acrescentou — Talvez tenha sido um grande êrro não ter contado isso a você antes.

Não sabia o que dizer. A mulher parecia ser sincera, parecia dizer a verdade, êle próprio sentia uma certa necessidade de acreditar nela.

— Mas aquêlê retrato...

— Nunca tive coragem de me desfazer dêle, foi a única coisa que guardei de Fernando.

O aguilhão de ciúme feria-lhe a alma e êle falava com um tom irônico que nunca descobrira em si antes.

— Talvez você nunca o tenha esquecido e depois de morto continue amando a memória dêle!

Ela baixou os olhos. Continuou a folhear o livro sem prestar atenção ao que estava impresso nas páginas.

Êle resolveu encerrar a questão. Acreditava nas palavras da espôsa, precisava acreditar nas palavras dela, principalmente por uma grande necessidade interior. Fêz-se silêncio entre os dois. Aparentemente, tudo voltaria a ser como antes, mas à noite, quando êle se deitava ao lado da mulher, lembrava-se do retrato: 'Para Marlene, com a admiração, o amor e o carinho de Fernando'.

A MESMA HISTÓRIA